



SCHUBERT, RIHM, WOLF, BERG

Gerhafer (bar), Huber (p)

Gulbenkian, Lisboa, 26 de novembro

Pela parte que me toca, era um dos concertos mais ansiosamente aguardados do ano: a voz e a inteligência ímpar do barítono Christian Gerhafer acompanhadas pelo pianismo primoroso de Gerold Huber, seu irmão na arte de recriar *Lieder*. Em março de 2017, Gerhafer já nos tinha deslumbrado em Schubert e Berg (mais Berlioz) com a Gustav Mahler Jugendorchester. Agora iríamos desfrutar a fabulosa parceria com Huber, e também aproveitar o seu empenho na música do nosso tempo. Gerhafer e Huber conhecem-se desde os 12 anos (o futuro barítono recebeu lições de violino do pai do pianista) e colaboram desde os 20, há quase três décadas! Tudo bate certo, a começar pelo programa: Schubert entremeado por Rihm (na I parte); Berg amparado por Wolf (na II). Simetrias e contrastes num repertório cobrindo dois séculos de música. As inspirações literárias, porém, são mais restritas (com Goethe a dominar os estros de Wolf e Rihm). Não sei que mais admirar em Christian Gerhafer: se a beleza da voz, a técnica (o *meliflúo legato*, o controlo justo da potência e da dinâmica), ou a naturalidade do fraseado (sempre ao serviço dos poemas, escolhidos criteriosamente). O barítono tem o condão de iluminar as palavras que canta, sem truques nem preciosismos. É simultaneamente o poeta e o personagem a viver o texto, esculpindo cada palavra à medida do seu significado. Às vezes até consegue explicar, por meios vocais, o indizível — por exemplo, as divergências entre a música e a letra, com cada uma a exprimir sentimentos diferentes. O Schubert das mágoas doces abriu caminho aos “Tasso Gedanken” (Pensamentos de Tasso) de Wolfgang Rihm — uma encomenda do próprio cantor, estreada mundialmente três dias antes em Weimar. Extratos (monólogos) da peça de Johann Wolfgang von Goethe, “Torquato Tasso”, combinando frases líricas com *Sprechgesang*, ideias e palavras soltas, atonalismo a bordejar o quase-cromatismo (o que explicará a inclusão dos “Vier Gesänge, op. 2”, de Alban Berg, na II parte do programa). Reencontrámos Goethe nos desolados “Gesänge des Harfners” (Canções do Harpista) de Hugo Wolf (onde o piano imita a harpa). Um último grupo de seis *Lieder* de Wolf evocava o Natal que se aproxima, mas também os limites da Humanidade. Dois extras em despedida, debitados sem interrupção, confirmaram a classe incomparável do duo Gerhafer/Huber: “Der Einsame” (O solitário), de Schubert, e o mais abissal dos “Altenberg Lieder”, de Berg (que Gerhafer aqui cantara no ano passado na versão orquestral), “Über die granzen des All” (Para lá das fronteiras do Universo). Senti que acabáramos de experimentar a perfeição absoluta! Que voltem depressa, se possível com Schumann (barítono e pianista estão em vias de gravar a integral das respetivas canções) ou o programa que mais desejarem. (Gostaria, um dia, de os ouvir em Debussy ou Britten.) Uma última observação: não vi no auditório cantores portugueses no ativo. Coitados, já sabem tudo... / J.C.